

## Mulheres- Mães e Pandemia: solidão, sobrecarga e sofrimento

HELEN CARVALHO GOMES SOARES<sup>1</sup>; CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – heelensoares@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– pfcamila@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir da pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*, realizada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A pesquisa é construída a partir da colaboração entre o Pulsional - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, o Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial Epoché, (ambos da UFPEL), em parceria com o grupo Marginália - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (UFRJ). O objetivo da pesquisa é investigar as possíveis reverberações psíquicas da pandemia de COVID-19 na vida das mulheres brasileiras.

A partir de um questionário divulgado de forma online, foi possível acessar relatos de como estava sendo a experiência da pandemia de mais de 5.500 mulheres em todo território brasileiro. A partir de perguntas subjetivas presentes no questionário que se preocupavam com aspectos da saúde mental das mulheres foi possível perceber a urgência de discutir a pauta das mulheres-mães que foram profundamente afetadas pelo cenário pandêmico, já que do total de mulheres respondentes 59,9% são mães. Portanto, neste trabalho iremos nos debruçar a respeito da construção social da maternidade, a partir dos estudos críticos feministas e da psicanálise. Essa lógica produz inúmeras vulnerabilidades psíquicas, o que no contexto de pandemia se intensificou expondo mulheres-mães a um cenário de solidão e fragilidade emocional ainda maior.

Para que possamos compreender as consequências que o ideal social da maternidade produz, é fundamental que entendamos que a maternidade nos moldes que conhecemos é resultado de processos históricos, sociais, culturais e econômicos (Federici, 2017). Jorge (2022) reflete sobre como os parâmetros sociais instituídos sobre a experiência da maternidade em nossa sociedade desvalorizam e desconsideram a heterogeneidade das vivências das mulheres, o que é evidenciado pelos dados da pesquisa. Assim, às exigências impostas às mulheres mães nos parecem estar a serviço de um aprisionamento de suas subjetividades.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na construção da pesquisa parte de metodologias situadas que compreendem o exercício do pesquisar num entrelaçamento que convoque a pesquisadora e o “objeto de estudo” a produzirem juntos, rompendo com paradigmas científicos hegemônicos<sup>1</sup> que preconizam a distância entre pesquisador e objeto a fim de garantir uma suposta neutralidade. Assim, usamos de críticas feministas, como Donna Haraway e Silvia Federici, citadas no presente trabalho, que propõe uma produção de conhecimento não universalizante,

---

<sup>1</sup> Bolsista de iniciação científica - CNPq

comprometida eticamente com as construções sociais e culturais implicadas no processo de pesquisa sem que se perca o rigor científico.

Outra perspectiva também usada para a construção da pesquisa é dos construtos teóricos da psicanálise. Articulada com os pressupostos de uma metodologia situada, também pensa a produção de conhecimento a partir de um movimento transferencial e contratransferencial entre pesquisadora e sujeito pesquisado os aproximando (Figueiredo; Minerbo, 2006). Convocando, assim, que aquele que pesquisa esteja atento aos seus próprios afetos e marcadores sociais durante o percurso.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível perceber que há uma realidade de ausência de suporte afetivo para as mulheres-mães a partir da pesquisa a qual o trabalho se refere. A partir de relatos contados nas respostas, as mulheres trazem dificuldades em estarem sozinhas com seus filhos sem a possibilidade de compartilhar a responsabilidade dos cuidados e também os sentimentos. Relatam o cenário aterrorizante de estar em meio a uma pandemia, sem qualquer segurança e perspectiva de um futuro seguro, sendo as únicas responsáveis por gerir e cuidar da vida de seus filhos. Ao lado da felicidade e realização também coexistem sentimentos como o medo, preocupação, tristeza, frustração, desespero, aflição, como apontam Lemos e Kind (2017). Porém, não é permitido que mulheres-mães possam compartilhar de todas as dimensões existentes na experiência do maternar. O grande risco em rejeitar partes de uma experiência, é de rejeitar a própria experiência em si negando toda sua complexidade, toda sua pluralidade e diversidade.

Algumas falas presentes nas respostas trazem a experiência de um maternar solitário, como no seguinte relato sobre quais as maiores dificuldades frente à pandemia de COVID-19: “Dificuldade de cuidar sozinha do filho de 5 anos sem nenhum momento de individualidade. Não poder dar aulas. Não poder ver amigos”. Outra participante traz sobre como a dedicação exclusiva em cuidar do outro a impede de poder investir em si mesma, na seguinte fala referente a pergunta sobre se estava conseguindo cuidar de si: “Não... cuido dos outros e sem tempo para mim”. Ainda sobre a pergunta se estava conseguindo cuidar de si, uma participante revela que: “Não posso dizer que sim. Estou meio distante de mim mesma”. Fica nítido que há um desamparo emocional que essas mulheres estão atravessando.

Assim, é fundamental que possamos discutir a maternidade enquanto uma pauta social. Partindo dos debates críticos feministas, a maternidade foi construída em nossa sociedade ocidental através do discurso patriarcal como um destino biológico inerente a todas as mulheres (Haraway, 1991). Assim, a socialização feminina passa - até os dias atuais - pela imposição da maternidade como um marco que legitima “ser mulher”. Porém, o que esse discurso calcado em determinismos biológicos esconde é uma exploração do trabalho reprodutivo feminino e a interdição da autonomia da sexualidade das mulheres. Federeci (2017) reflete em como houve uma mudança do papel social das mulheres em função da transição do mundo feudal para o mundo capitalista. As mulheres passaram - especificamente mulheres brancas europeias - a circular apenas na esfera da vida familiar privada numa espécie de confinamento restrito aos serviços domésticos e o cuidado exclusivo com os filhos.

Esse modelo de maternidade se tornou um padrão disseminado no mundo todo, como aponta Davis (1981). No que tange às mulheres negras e indígenas,

há uma precariedade ainda maior. O racismo produz uma série de violências e reproduções de estereótipos racistas que recaem numa não humanização dos seus corpos e do seu materno. Lôbo e Souza (2019), trazem que fruto da herança escravocrata houve um processo de des-humanização da mulher negra - e podemos acrescentar da mulher indígena também -, usurpando seus corpos, esterilizando e distanciando a maternidade de seu domínio.

As consequências disso na vida das mulheres é a sobrecarga de um trabalho invisível sem a possibilidade de participação na vida pública, ou seja, uma movimentação de dupla invisibilização, no não reconhecimento de seu trabalho no ambiente familiar (remunerado ou não) e também o não reconhecimento de suas pautas na esfera pública. Daí, é fundamental, a discussão que propomos de apresentar a maternidade enquanto pauta de discussão coletiva e não de um problema individual. A problemática não está no desejo de ser ou não mãe, mas na forma em como a maternidade e as mães são exploradas em nossa sociedade. Uma vez que se é mãe, essas mulheres enfrentam a exclusão nos mais diversos meios, seja pela falta de redes de apoio, carência de espaços que acolham também seus filhos, exclusão do mercado de trabalho ou quando conseguem manter seus empregos precisam enfrentar jornadas triplas. Essa sobrecarga que exige a responsabilização exclusiva pelo cuidado com os filhos marca para além do social, mas compromete, também, a vida psíquica dessas mulheres. Desse modo, o ideal de maternidade imposto às mulheres é um fator de adoecimento mental.

Lemos e Kind (2017) trazem que a construção da subjetivação materna acompanha o imperativo da locução verbal “ter que”, com diferentes complementos: ter que engravidar, ter que amamentar, ter que ser ao mesmo tempo mulher, mãe, profissional e dona de casa. As autoras ainda discutem que é preciso ainda corresponder ao ideal de mãe perfeita, dedicada, heroína, santa, que a cultura ajudou a construir e que estas cobranças decorrem de certo equívoco em atribuir às mulheres identidades pré fabricadas. Partindo dessas perspectivas, podemos pensar que esses ideais de maternidade estão presentes na construção subjetiva das mulheres desde antes de serem mães e, após serem mães, marcam profundamente toda a relação que elas terão consigo mesmas e com a maternidade.

Analisando a partir da psicanálise podemos considerar a experiência da maternidade como um momento de grande fragilidade psíquica na vida das mulheres que exige uma reconfiguração narcísica. Garcia-Roza (2008), comenta a partir da teoria freudiana, que o narcisismo compreende a um momento do desenvolvimento psicosssexual fundamental na constituição do eu. Sendo o eu uma representação que o sujeito faz de si mesmo, a partir dos investimentos recebidos do outro. Essa dinâmica de investimentos pode sofrer transformações ao longo da vida a partir dos vínculos construídos, das experiências vividas e da dinâmica social na qual a pessoa estará inserida.

Assim, momentos cruciais como a maternidade abalam profundamente as noções do que se é, isso se soma com as ambivalências inerentes a essa experiência. Podemos pensar, então, que a maternidade por si só já configura momento de grande vulnerabilidade e que as imposições exigidas socialmente através do papel social do que é ser mãe empobrece e até mesmo impossibilita que as mulheres-mães possam ter recursos psíquicos para lidar e passar por esse processo preservando sua saúde mental. Lemos e Kind (2017) falam que há um descompasso entre o que a sociedade contemporânea espera da maternidade e a forma como é possível efetivamente de ser vivida e esse conflito

coloca mulheres-mães em uma situação de profundo sofrimento por não darem conta do ideal inalcançável do que é ser uma “boa mãe”. Não há espaço para que as mulheres-mães possam criar suas próprias narrativas ao vivenciar suas maternidades, uma vez que é silenciada qualquer tentativa de externalizar os conflitos e sofrimentos inerentes à maternidade.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dessa breve discussão, é possível perceber que a invisibilização dessa pauta não está só nas consequências geradas no campo social-político, mas também no campo psíquico. A exaustão física e principalmente psicológica impede que as mulheres-mães possam se organizar social e politicamente, uma vez que o cansaço não cede espaço para investir em si e na possibilidade da participação social. A maternidade não se trata de um assunto restrito apenas as mães e suas experiências individuais, mas de todo o coletivo. Poder discutir sobre possibilidades de vivenciar maternidades dignas e que preservem a saúde e autonomia das mulheres é também repensar o modelo de sociedade, especialmente da distribuição das tarefas de cuidado, do trabalho reprodutivo. Como podemos construir novos parâmetros que visem o bem estar social coletivo enquanto as mães e suas crianças são excluídas, exploradas e violentadas em diversos aspectos?

É fundamental que as dimensões do sofrimento psíquico as quais as mulheres-mães atravessam sejam consideradas como um sofrimento legítimo, para que se possa pensar estratégias de prevenção e promoção de saúde que garantam a sobrevivência física e psíquica dessas mulheres. Para que se pense em políticas públicas que não se restringem só ao campo de atuação da Psicologia, mas de todos os âmbitos da sociedade. Portanto, é fundamental que a maternidade possa existir como um mosaico capaz de abarcar múltiplas possibilidades de existências e re-existências e não fixada em uma ideia que coloca as mulheres em vidas precárias não só materialmente, mas principalmente subjetivamente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. (Trabalho publicado originalmente em 1981).
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FIGUEIREDO L. C. MINERBO M. **Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo**. *Jornal de Psicanálise*, 2006
- HARAWAY, Donna. **“Gender” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word**. In: Simians, Cyborgs, and Women. *The Reinvention of Nature*. London, Free Association Books Ltd., 1991, capítulo 7, pp.127-148. Tradução: Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, 2004.
- LEMONS, Renata Feldman Scheinkman; KIND, Luciana. **Mulheres e Maternidade: Faces Possíveis**. *Estud. pesqui. psicol.* Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2017.
- ROZA-GARCIA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Volume 3: Artigos de Metapsicologia. 7 Ed. Rio de Janeiro, 2008.
- LÔBO, Jadê Alcantara; SOUZA, Izabela Fernandes de. **Na encruzilhada da maternidade negra**. *Feminismos negros e decolonial*. Porto Alegre, 2017.